

Resenha

FREITAS, Manuel de. *Incipit*. Lisboa: Averno, 2015.

Tamy de Macedo Pimenta (UFF)

Publicado em 2015 pelo poeta e crítico português Manuel de Freitas,¹ *Incipit* indica, desde seu título – que consiste na palavra latina que corresponde à terceira pessoa do singular do verbo *incipere* (“iniciar, principiar”) –, sua proposta como livro, logo explicada pelo autor na nota prévia: “Foi minha intenção neste livro comentar *algumas* das mais vigorosas estreias poéticas ocorridas em Portugal durante o século XX” (p. 9; grifo do autor).

O realce dado ao pronome indeterminado não é mero acaso, já que, como ocorre em qualquer gesto crítico, as vozes poéticas presentes em *Incipit* foram escolhidas segundo alguns critérios de Freitas, que continua a nota justificando “a ausência de certos poetas maiores desse mesmo período” (p. 9) com falsas partidas (como nos casos de Eugénio de Andrade e António Franco Alexandre), processos incessantes de reescrita (como em Carlos de Oliveira) e, finalmente, com o fato de o poeta-crítico ter-se mantido restrito a sua própria biblioteca, uma vez que, nas palavras deste: “não frequento bibliotecas públicas nem gosto de pedir livros emprestados, socorri-me apenas dos títulos que, ao longo dos anos, consegui acolher na minha biblioteca pessoal” (p. 9).

Assim sendo, estamos diante de um assumido critério de recolha pessoal, o que permite, além do acesso proporcionado pelo próprio livro a informações e fragmentos de 14 estreias poéticas de vozes portuguesas do último século, entrever certos aspectos que, por meio do estudo dessas vozes, são ressaltados e valorizados por Manuel de Freitas à vista de seu próprio trabalho poético-crítico. A escolha dos poetas, por si só, já nos fornece indicativos das características que interessam a Freitas por meio de um variado grupo que vai dos anos 1940 aos 1990 e em que, se por um lado encontramos nomes incontornáveis como Jorge de Sena e Herberto Helder, também deparamos com outros menos conhecidos e por vezes esquecidos pela crítica, como José António Almeida.

¹ Poeta, tradutor, crítico literário e editor nascido em 1972 no Vale de Santarém, Portugal. Publicou seu primeiro livro de poesia, *Todos contentes e eu também*, em 2000 e atualmente reúne vários livros de poesia e alguns de ensaios, como *Pedacinhos de ossos* (2012). Em 2002 organizou a antologia *Poetas sem qualidades*. É codiretor da revista *Telhados de Vidro* e dirige as editoras Averno e Paralelo W. Além disso, escreve sobre livros no jornal *Expresso* e tem colaboração dispersa em várias revistas literárias portuguesas.

ÍNDICE

JORGE DE SENA	II
ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA	17
PEDRO DA SILVEIRA	23
HERBERTO HELDER	31
ANTÓNIO JOSÉ FORTE	37
FERNANDO ASSIS PACHECO	47
ARMANDO SILVA CARVALHO	53
JOÃO MIGUEL FERNANDES JORGE	59
ANTÓNIO MANUEL PIRES CABRAL	67
JOSÉ AMARO	73
FÁTIMA MALDONADO	79
JOSÉ ANTÓNIO ALMEIDA	87
ADÍLIA LOPES	95
JOSÉ MIGUEL SILVA	101

Seguindo a ordem cronológica das publicações, o livro inicia-se com o comentário acerca de *Perseguições* de Jorge de Sena, mas não se limita a este título do poeta (como ocorre nos textos dedicados a outros poetas também). Deste, Manuel de Freitas parece ter retirado três lições principais: a “necessidade de gritar liricamente” (p. 12) que leva à raiva, ao desconcerto e à provocação; a não filiação a grupos, já que “Sena não se deixava iludir por cartilhas alheias” (p. 13); e, finalmente, a ideia de fidelidade do poeta para consigo mesmo. Essas lições também serão salientadas nas outras vozes poéticas trazidas no livro, visto que todos eles parecem, de algum modo, “gritar liricamente” por meio de suas singularidades e forças poéticas, que a fidelidade é igualmente destacada em António Manuel Couto Viana e Pedro da Silveira (este último também próximo a Sena por “seu temperamento insubmisso e provocador” [p. 23]), e que afastamento de grupos ou cartilhas literárias em algumas dessas vozes é sublinhado (como em Fernando Assis Pacheco e Armando Silva Carvalho).

Sobre esse último tema, é interessante notar as observações de Freitas sobre o movimento surrealista português quando, analisando a poesia de António José Forte, o poeta-crítico comenta:

Paradoxalmente, ou quase, aquele que poderia ser o principal defeito desse fluido movimento revelou-se, afinal, a sua maior virtude. De facto, ao manifestar-se tardiamente (do ponto de vista histórico), o surrealismo português teve a vantagem de poder já exercer um olhar crítico, ou até desconfiado, em relação à cartilha bretoniana e ao que nela houvesse de normativo ou de epider-

micamente revolucionário. De outra maneira – e ainda que Artaud seja um contra-exemplo a ter em conta –, dificilmente teriam irrompido tal como irromperam a feroz “noivadiagem” de Mário Cesariny, a corajosa lucidez de Ernesto Sampaio ou a amargura por vezes abjeccionista de Forte ou de Pedro Oom [...] Por outro lado, passe a necessária simplificação, o surrealismo português teve como horizonte imediato uma baça e duradoura ditadura em que a contestação ficava quase exclusivamente delegada à pouca mestria dos neo-realistas, do que resultava a insólita situação de haver um certo número de poetas a contestar os contestadores (oficiais) e, simultaneamente, o suposto objecto comum de contestação (p. 39).

Nessa longa citação, Freitas credits o sucesso dos surrealistas portugueses ao carácter tardio do movimento em Portugal, o que proporcionou um afastamento em relação à cartilha bretoniana e suas normas. Assim, muito embora nenhum poeta nomeadamente surrealista esteja incluído nos 14 nomes estudados em *Incipit*, a maestria de alguns deles é enfatizada nesse trecho e, no caso de Cesariny e O'Neill, também em outras passagens. Em contraste com esses poetas que conseguiram vivenciar uma corrente literária sem, porém, se limitar a seus modelos e artifícios, Freitas propõe a “pouca maestria dos neo-realistas” que, em sua maioria, fizeram justamente o contrário dos surrealistas supracitados.

Ainda discorrendo sobre a poesia de António José Forte, o poeta-crítico aponta outro aspecto bastante valorizado por ele nesta e em outras poéticas: o “efeito de ‘pobreza’, de uma ‘simplicidade’ vocabular que é, como sabemos, a mais árdua das conquistas poéticas e que – contextualmente falando – nada tem a ver com a linearidade discursiva e ideológica do neo-realismo” (p. 42). Esse “efeito de pobreza” se manifesta, por exemplo, no “caso bastante isolado de valorização do quotidiano, do banal e do concreto” (p. 50) de Fernando Assis Pacheco, na “límpida recusa de um hermetismo literário” e na “estética da banalidade” (p. 96) de Adília Lopes, e em José Miguel Silva, a quem Freitas considera, “muito provavelmente, o melhor poeta português da minha geração” (p. 106).

Aos nomes estimados no livro, opõem-se as vozes poéticas nele silenciadas ou, como não é raro nos ensaios da autoria de Manuel de Freitas, usadas como contrapontos negativos, conforme podemos ler no fragmento da página 46, que se segue:

Não é bem a questão do “cânone”, que sempre me pareceu bloomianamente idiota, aquela que se coloca aqui; antes a náusea que se pode sentir ao ver em todo lado, ubíquos como deuses de aluguer, o poeta-Manuel-Alegre, o baladeiro José Jorge Letria ou o “embaixador” Nuno Júdice – enquanto nomes como os de António José Forte, Ernesto Sampaio, Manuel de Castro ou Pedro Oom continuam votados a um quase absoluto silêncio. Porém, olhando para o circo em que a literatura se tornou, talvez eles mesmos tivessem preferido o esplendor da ausência, nesta “noite em que a terra é um ponto em Lisboa e não tem importância que não haja outro lugar para estar morto, mas para viver é muito importante que seja um continente que nos espere” (p. 8).

Ao poeta-crítico interessa uma poesia em que “Agudiza-se, de certo modo, um sentido de rebelião e de ‘marginalidade’, desde que entendamos esta última como uma deliberada recusa do circo literário” (p. 44) e, conseqüentemente, são as estreias poéticas do século XX português que melhor representam esse espírito, assim como outras características valorizadas por Freitas, que têm lugar em *Incipit*. Escrito na primeira pessoa do singular em tom assumidamente parcial, o livro traz relevantes notas sobre os escritores analisados, mas também proporciona interessantes observações sobre o pensamento crítico de uma das vozes poéticas mais significativas de nosso século.